

# Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas em aquisição da linguagem

**Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante**

UFPB

**Resumo:** Este artigo tem por intuito apresentar um panorama dos estudos acerca da gestualidade na linguística, com ênfase no período da aquisição da linguagem, tomando por base os trabalhos clássicos de Kendon (1988; 2009) e McNeill (1985; 1992; 2000). Nos situamos em oposição a uma concepção de primitivismo gestual e de uma proposta de continuidade estrutural entre o gesto e a fala e defendemos a inserção da criança na língua a partir de um arcabouço prosódico-gestual (FONTE; CAVALCANTE, 2016; CAVALCANTE, 2015; CAVALCANTE et al, 2016). Ilustramos a proposta com dados quantitativos e qualitativos de uma díade mãe-bebê, ao longo de 18 meses de vida.

**Palavras-chave:** Gestualidade; Aquisição da Linguagem; Multimodalidade; Prosódia

**Title:** Contributions of studies on gestuality for language acquisition research

**Abstract:** This paper aims to present an overview of the studies on gestuality in linguistics, with emphasis on the period of language acquisition, based on the classic works of Kendon (1988, 2009) and McNeill (1985, 1992, 2000). We stand in opposition to a conception of gestural primitivisms and a proposal of structural continuity between gesture and speech and defend the insertion of the child in the language from a prosodic-gestural framework (FONTE; CAVALCANTE, 2016; CAVALCANTE, 2015; CAVALCANTE et al, 2016). We illustrate the proposal with quantitative and qualitative data of a mother-baby dyad throughout the 18 months of life.

**Keywords:** Gestuality; Language acquisition; Multimodality; Prosody

## Introdução

As discussões recentes na linguística contemporânea têm permitido que temáticas marginais à área ganhem proeminência, como é o caso da gestualidade<sup>1</sup>. Sob o guarda-chuva da multimodalidade, os gestos vêm adquirindo um estatuto linguístico, graças ao desenvolvimento de pesquisas nos diversos campos da linguística, tendo como uma das principais referências Adam Kendon (1972; 1980; 1981; 1990; 2005), como também aos avanços e discussões de áreas como a psicolinguística (McNEILL 1985, 1987, 1989. 1992), a linguística cognitiva (CIENKI, 1998a; 1998b; CIENKI; MULLER,

---

<sup>1</sup> Vale destacar que o olhar para a gestualidade se inicia com Darwin, 1897; Ekman e Friesen, 1969; Efron, 1972, dentre outros.

2008; McNEILL; DUNCAN, 2000; MITTELBERG, 2006; 2010; MULLER; TAG, 2010; SWEETSER, 1998; NUNEZ; SWEETSER, 2006) e a análise da conversação (GOODWIN, 1986; SCHEGLOFF, 1984; HEATH, 1984, 1986; MONDADA, 2006; 2007).

É clássico o debate público proposto por McNeill (1985) e que possibilitou diversas publicações na “Psychological Review” sobre o estatuto do gesto como um elemento não-verbal, colocando de um lado psicologistas como Brian Butterworth, Pierre Feyereisen, e Uri Hadar e de outro McNeill (BUTTERWORTH; HADAR 1989; FEYEREISEN 1987; McNEILL 1985, 1987, 1989). O cerne da discussão foi a iniciativa de McNeill considerar o gesto enquanto elemento linguístico e não como extralinguístico. Mas é somente na publicação do livro “Hand and Mind. What gestures reveal about thought” (McNEILL, 1992), que se torna robusta a concepção de gesto e fala como algo integrado – uma matriz cognitiva – tese esta defendida desde os primeiros trabalhos de Kendon (1972, 1980; 1981, 1990) e sistematizada por McNeill (1992).

A partir de então uma rede começa a se estruturar tendo como concepção básica a premissa de que gesto e fala compõem uma matriz. Logo, ao discutir língua (gem) torna-se fundamental atribuir à gestualidade seu papel de copartícipe.

A partir daí o gesto passou a ser concebido como um conjunto, com uma tipologia própria, como a tipologia presente no contínuo de Kendon (1988) em que os gestos foram classificados como: gesticulação, pantomimas, gestos preenchedores e os sinais, ver quadro 1. Como também, focou-se em tipos específicos do contínuo gestual, como os trabalhos de McNeill (1992; 1997), explorando as dimensões gestuais da gesticulação, com a descrição dos gestos: icônicos, dêiticos, metafóricos e ritmados, ver quadro 2. Essa tendência foi seguida por outros pesquisadores, tais como Cienki (1998a; 1998b); Cienki; Muller (2008) que, trazendo o arcabouço teórico da linguística cognitiva passam a se interessar pela gesticulação e pelos gestos preenchedores e sua relação com a gramática cognitiva. Como também pesquisas de cunho sociolinguístico, com foco nos gestos emblemáticos, como os trabalhos de Kita (2009); Rodrigues (2008).

	<b>Definição</b>	<b>Características</b>
<b>GESTICULAÇÃO</b>	É usada no fluxo de fala sem previsibilidade, ou seja, é um ato individual das mãos.	Presença obrigatória de fala; Ausência de propriedades linguísticas.
<b>GESTOS PREENCHEDORES</b>	É um gesto que ocupa um lugar na sentença, preenchendo um espaço gramatical.	Ausência obrigatória de fala; presença de propriedades linguísticas; não convencional.
<b>EMBLEMAS</b>	São usados culturalmente, como, por exemplo, o gesto de “ok”.	Presença opcional de fala; Presença de algumas propriedades linguísticas; parcialmente convencional.
<b>PANTOMIMAS</b>	É usada sem o fluxo de fala, são representações de ações cotidianas.	Ausência obrigatória de fala; ausência de propriedades linguísticas; não convencional.
<b>SINAIS</b>	São os sinais de uma língua de sinalizada.	Ausência obrigatória de fala; presença de propriedades linguísticas; totalmente convencional.

**Quadro 1: Tipologia Gestual de Kendon (1988)**

	<b>Definição</b>
<b>Gestos Icônicos</b>	Estão estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito, delineiam formas de objetos ou ações, estabelecendo com o referente uma relação de metonímia, por exemplo, quando uma pessoa demonstra um objeto físico usando as mãos para mostrar seu tamanho.
<b>Gestos Dêíticos</b>	São os demonstrativos ou direcionais, geralmente acompanham as palavras como “aqui”, “lá”, “isto”, “eu” e “você”, pode ser representado pelos movimentos de apontar.
<b>Gestos Metafóricos</b>	São parecidos em sua superfície com os gestos icônicos, contudo, possuem a particularidade de referirem expressões abstratas, por exemplo, configuração da mão em cacho, fechado, aberto ou semiaberto, ao produzir expressões no discurso em que se quer dar ênfase, por exemplo quando o falante faz referência à “aquisição da linguagem” e apresenta a mão nessa configuração, como se quisesse demonstrar com o gesto a noção de aquisição da linguagem.
<b>Gestos Ritmados</b>	São nomeados assim porque aparecem como o tempo da batida musical; as mãos se movem no mesmo ritmo da pulsação da fala, marcando, por exemplo, mudanças no discurso, ou realçando um determinado momento do discurso.

**Quadro 2: Dimensões gestuais de McNeill (1992)**

Além da tipologia gestual característica de uma determinada categoria ou categorias de gestos, do ponto de vista do funcionamento, os gestos são compostos de fases gestuais que se organizam em unidades gestuais, em que se estruturam frases gestuais. Assim, uma *unidade gestual* é o intervalo entre descansos sucessivos dos braços, cada unidade é composta por frases gestuais. Uma *frase gestual* é estruturada, basicamente, por três fases: *preparação* - movimento opcional de afastamento do braço e mão da posição de descanso em direção ao espaço gestual para dar início ao golpe; *golpe* - movimento obrigatório, consistindo no pico do esforço do gesto, é nesta fase que o gesto sincroniza<sup>2</sup> com os segmentos linguísticos verbais, destacando a parte mais relevante do enunciado verbal; *retração* - movimento opcional, que pressupõe o retorno do braço e da mão à posição de repouso. O repouso não é obrigatório, pode ser omitido e se passar para a execução de outro gesto, dando início a uma nova unidade gestual.

As pesquisas multimodais vão se delineando e abrangendo diversos aspectos no entorno da matriz gesto-

---

<sup>2</sup>A combinação síncrona da fala com o gesto pode ser chamada de *ponto de saliência* (Grown Point), tal como proposto por McNeill (1992). É assim chamado porque caracteriza os picos de congruência de uma unidade de “GESTO-FALA” e sua estruturação cognitiva.

fala. Torna-se importante, porém, destacar o paradigma teórico que se postula ao trazer a matriz como referência, e é Kendon (2009), ao resenhar a obra de Michael Tomasello “As Origens da Comunicação Humana” (2006) que nos indica uma proposta viável, que discutiremos no tópico a seguir.

### **A matriz gesto-fala e a proposta Tomaselliana**

Afirma Kendon(2009) que a obra de Tomasello(2006) se constitui como uma alternativa viável ao paradigma Chomskyano vigente, que defende a língua como um algoritmo recursivo que gera representações linguísticas de som e significado, com um sistema inato – a Gramática Universal. Na proposta de Tomasello, a língua se apresenta enquanto uma forma de ação social constituída de convenções sociais para fins sociais (TOMASELLO, 2006, p. 343). Nesse sentido, a comunicação humana depende de uma “infraestrutura cognitiva”, sendo possível, por conta dessa capacidade de cooperação, o desenvolvimento humano.

Tomasello (2006) destaca que a infraestrutura cognitiva necessária para a comunicação cooperativa já está em vigor em seres humanos em uma idade muito precoce, antes que a criança comece a usar a língua propriamente dita. E acrescenta, a língua não é o meio pelo qual a comunicação

cooperativa humana é possibilitada, pelo contrário, é a presença dessa infraestrutura que possibilita a língua.

O reconhecimento de uma ação é uma habilidade amplamente compartilhada e tem uma história evolutiva bastante profunda. A capacidade de analisar as ações do outro e antecipar os resultados da ação é fundamental para que qualquer tipo de vida social coordenada seja possível. Assim, o estabelecimento de interação colaborativa só pode ser alcançado através da percepção mútua de ações **visíveis** do outro. E através da “leitura” das orientações de cada um, é que a **orientação conjunta** pode acontecer.

Aspectos de orientação e de postura do comportamento interacional, e como estes podem ser sincronizados temporalmente, muitas vezes de formas muito sutis, permitem que os participantes informem reciprocamente uns aos outros que eles estão 'juntos', que eles compartilham estados afetivos e atitudes com relação a algo relevante para eles (KENDON, 1992; 2009).

São os movimentos faciais, a sensibilidade à orientação e direção do olhar e aspectos de orientação e de postura do comportamento interacional, mediados por um aparelho anatômico que possibilita uma extrema rapidez e sutileza, que caracterizam a interação humana (KENDON, 2009).

Mas há críticas ao papel atribuído ao gesto na filogênese, pois para Tomasello (2006), o gesto surge antes, para ele, os seres humanos desenvolveram primeiro a linguagem do gesto e, mais tarde, mudou para a fala. Pois a fala libera as mãos para outras atividades enquanto se está falando, como também, permite a comunicação em distâncias mais longas ou em florestas densas ou no escuro.

Discordando desse posicionamento, Kendon (2009) argumenta, tomando por base MacNeilage (1998), que se uma linguagem adequada foi inicialmente desenvolvida na modalidade gestual, por que mudaria? Kendon segue contestando a teoria da “primazia do gesto” ao afirmar que para entendermos como uma língua evoluiu, é necessário olhar o que os falantes efetivamente fazem quando constroem enunciados: eles sempre fazem isso usando recursos cinestésicos e orais numa complexa orquestração. E acrescenta, a fala não foi inventada para ultrapassar as desvantagens dos gestos, pois todo enunciado usando a fala emprega, de forma completamente integrada, padrões de vocalização e entonação, pausas e ritmicidades, que se manifestam não só de forma audível, mas cineticamente também, e sempre, como uma parte desta estrutura, existem os movimentos dos olhos, das pálpebras, das sobrancelhas, bem como da boca, e os padrões de ação por parte da cabeça.

Para Kendon (2009), nunca houve de fato uma “mudança” do gesto para fala, as formas de ação comunicativa que adquiriram funções de referência simbólica e funções comunicativas na forma de língua, foram multimodais desde o início. Foi através de uma transformação da atividade práxica em modos ‘virtuais’, que possibilitou o surgimento de ação como “representação”, assim tornando possível a emergência de uma língua. E é porque este conjunto foi desenvolvido como um sistema de coordenação de boca e mão que podemos explicar porque as ações manuais estão coenvolvidas nas produções de enunciados em seres humanos modernos (KENDON, 1981).

Quer dizer, as discussões apresentadas por Tomasello possibilitam compreender os processos evolutivos, mas a concepção da primazia do gesto na filogênese, segundo Kendon, não se sustenta devido às considerações expostas acima. Mesmo assim, o autor considera a obra Tomaselliana como a que melhor dialoga com a ideia de matriz gesto-fala, pois permite compreender como a matriz cognitiva e social da língua é evocada.

Assim, inseridos nesse paradigma cognitivo e social, tomando como referência a matriz gesto-fala, observamos a aquisição da linguagem sob esse prisma. Ao fazer isso, temos a possibilidade de compreender os momentos iniciais dessa

matriz se configurando nas primeiras interações infantis, na idade mãe-bebê.

### **A aquisição da linguagem, o gesto e a fala**

A tradição das pesquisas em aquisição da linguagem que tomaram o gesto como um elemento presente nas primeiras interações do bebê com o adulto, sempre atribuíram a ele um estatuto pré-linguístico<sup>3</sup>, tal posicionamento se coaduna à proposta da “primazia do gesto”, defendida por Tomasello<sup>4</sup> e criticada por Kendon, que apresentamos anteriormente.

A partir de trabalhos de cunho interacionista desenvolvidos por Bruner (1975), considerado um aquisicionista independente, que tanto se distanciou do comportamentalismo, quanto do gerativismo vigente à época. Bruner, ao privilegiar a interação enquanto esquema interativo, propõe a ideia de uma continuidade entre o chamado período pré-linguístico e o propriamente linguístico

---

<sup>3</sup>Exceção feita aos trabalhos de Goldin-Meadow e colaboradores (1985; 1993; 2009).

<sup>4</sup>Tomasello (2003; 2006) constrói sua proposta ancorado nos trabalhos de Bruner (1975; 1983) e Vygotsky (1988).

em aquisição da linguagem. É a chamada hipótese da continuidade estrutural entre a comunicação pré-verbal e a verbal, afirmando que os comportamentos sociais do bebê são precursores da linguagem verbal:

A criança, antes de ter a competência de enunciar uma sentença, necessita incorporar um conhecimento implícito construído no nível do ‘comportamento ostensivo’, ou seja, não-linguístico, em que gestos são interpretados pelo adulto como significativos. A segunda afirmativa é que qualquer que seja a forma de transmissão de um significado (fala, gestos, etc.), ele ocorre sempre dentro de um contexto social e em razão dele. Portanto, os comportamentos sociais do bebê são precursores do aparecimento da linguagem (BRUNER, 1975, p. 118).

Nessa perspectiva, o balbucio, os gestos e as holófrases<sup>5</sup> garantem o lugar dos itens lexicais e das categorias gramaticais maduras da língua (sujeito – verbo –

---

<sup>5</sup> Holófrases dizem respeito às produções infantis contendo enunciados de uma palavra.

objeto). Quer dizer, o gesto e as produções vocais iniciais seriam guardadores de lugar das produções maduras da língua em processo de aquisição, logo seriam pré-linguísticos.

Nos distanciamos dessa perspectiva de continuidade defendida por Bruner (1975) e postulamos a perspectiva de não separação desses elementos, tal como proposto em Cavalcante (2008), concebemos a produção vocal e gestual do bebê produzida nas situações dialógicas com o adulto como linguísticas, uma vez que se ancoram num arcabouço gestuo-prosódico da língua. Como apontamos em Cavalcante (2015):

O desenvolvimento do aparato vocal construído pela criança, desde o nascimento, vem se delineando nas suas relações com as configurações vocais, segmentais e prosódicas da fala materna, e nas subsequentes produções vocais do infante: de recortes entonacionais específicos, como os tons imitativos da fala dirigida ao bebê (ascendente, por exemplo), passando por incorporações de blocos prosódicos e jargões, até chegar à produção de vocábulos [e blocos de enunciados]. (CAVALCANTE, 2015, p. 34)

Ou seja, a fala materna dirigida ao bebê e sua configuração prosódica particular<sup>6</sup>, ao longo das situações dialógicas, se constitui como um dos guias de acesso à língua. Seguindo a tese proposta por Scarpa (1999), a hipótese top-down de aquisição prosódica, segundo a qual a criança é atraída para a linguagem via prosódia e desde cedo trabalha com os níveis mais altos da hierarquia. Logo a entrada da criança, nas suas primeiras produções se dá entoacionalmente, como demonstra Barros (2013, p. 83):

Existem indícios apontados na literatura de aquisição da linguagem de que pistas prosódicas orientam a criança na percepção, no processamento da fala dirigida (ou não) a ela desde os primeiros meses de vida, bem como na interpretação

---

<sup>6</sup>Concebemos o manhês como apresentando as seguintes características prosódicas: frequência fundamental mais alta, âmbito de altura maior, preferência por certos contornos (sobretudo os tons ascendentes), uso de *falseto*, cadência mais lenta, partes sussurradas do enunciado, duração prolongada de certas palavras, mais de um acento frasal, etc. Tais modificações foram observadas em diferentes línguas e culturas (FERGUSON, 1964; CHEW, 1969; RUIKE-DRAVINA, 1976; GARNICA, 1977; GALVES & SCARPA, 1999)

dos enunciados da criança pelo outro. Segundo Scarpa (2007), é reservado à prosódia um papel de ponte, pois ela liga som ao sentido, tanto engajando a criança no diálogo como organizando as formas linguísticas iniciais através de sistemas de entonação e ritmo.

A partir dessa concepção, Barros constrói seu contínuo tipológico vocal-prosódico, no qual as primeiras produções infantis são caracterizadas como: balbúcio, jargão, holófrases e blocos de enunciado (BARROS, 2012), ver Quadro 3.

<b>BALBUCIO</b>	<b>JARGÃO</b>	<b>PRIMEIRAS PALAVRAS RECONHECÍVEIS/  HOLÓFRASES</b>	
<p>Pode ser canônico, variado ou tardio.</p> <p>Tem formato consoante vogal [ma, da, ba];</p> <p>Tem padrões sonoros da língua alvo.</p>	<p>Contorno entonacional que se estende a uma cadeia de sílabas ou um longo fragmento composto por sílabas ininteligíveis.</p>	<p>Produções infantis contendo enunciados de uma palavra, consideradas reconhecíveis na língua adulta e interpretáveis pelo interlocutor.</p>	<p>Alternância de produção de holófrases com enunciados completos.</p>

### **Quadro 3: Tipologia prosódica-vocal**

Assim como o trabalho da criança é top-down do ponto de vista prosódico, transitando na tipologia acima apresentada, também a gestualidade se organiza desde muito cedo na criança com a presença de gesticulação associada à fala jargonizada em idades bem precoces, como mostra a cena abaixo<sup>7</sup>:

---

<sup>7</sup>Esses dados ilustrativos foram publicados em Cavalcante; Almeida; Silva; Ávila Nóbrega (2016). São resultados de filmagens longitudinais

Cena 1: Mãe e criança (C - 11 meses e 13 dias) interagindo no quarto da criança. C está sentada na cama e volta-se para a pesquisadora que está filmando e faz um comentário divertido, “como se” narrasse algo.



Fase 1



Fase 2

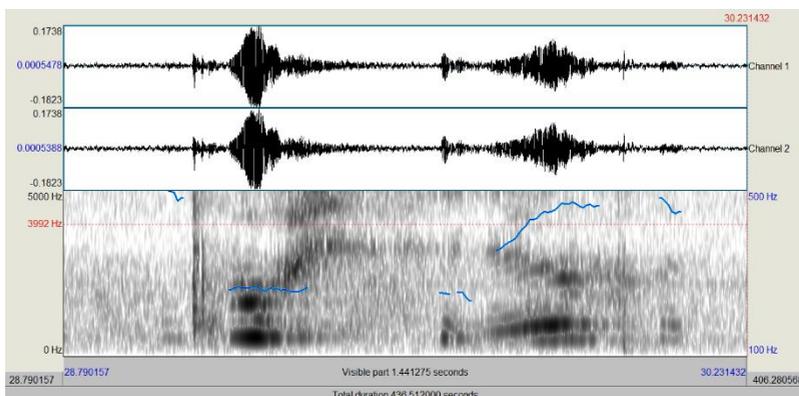
Fase 3

### **Imagens da Criança C<sup>8</sup>**

---

naturalísticas de interação mãe-criança ao longo de 24 meses de vida da criança, com intervalos de 15 dias entre as filmagens. As transcrições e análises foram feitas com o uso dos softwares Praat e Elan e compõem o banco de dados do LAFE (Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita) da UFPB.

<sup>8</sup>Corpus do LAFE –Laboratório de Aquisição da Linguagem da UFPB.



### **Espectrograma 1: Produção da fala da Criança C:”ebuze::/embuze::”**

Nesta cena é possível perceber a matriz multimodal propiciando o momento de sincronia. A criança eleva ambos os braços para cima e para baixo e produz uma fala jargonizada “**ebuze::/embuze::**” (apresentada no espectrograma), com a presença de contornos típicos de narrativa tom médio/alto, depois alto com leve queda. Em sincronia, inclusive, com a gesticulação braçal, que traz a presença de gestos metafóricos. Além disso, durante a produção vocal não há presença de hesitações e/ou pausas, constituindo-se, assim, tal como Scarpa (1988) define, como um bloco prosódico organizado.

A unidade gestual, composta de 03 fases gestuais, apresentada na cena 1 pode ser assim descrita:

Fase 1 - preparação: braços para baixo, laterais ao corpo, braço esquerdo levemente elevado, face com expressão de esboço de sorriso com lábios semicerrados e olhar levemente desviado para direita;

Fase 2 – golpe: dois braços suspensos, laterais ao rosto, com mãos semi espalmadas na altura da face, mão esquerda um pouco mais alta do que a direita; lábios entreabertos na produção do jargão “**ebuze::/embuze::**”, face em sorriso, olhar lateral para direita;

Fases 3 - retração, pausa: braços em movimento descendente, voltando a lateral do corpo na altura da cintura, braço esquerdo mais baixo do que o direito que vai em movimento descendente mais lento do que o esquerdo, tronco e cabeça direcionados para direita, olhar direcionado para direita, face com esboço de sorriso, lábios semicerrados.

A sincronia gesto-fala ocorre na fase 2, no momento de produção do jargão “**ebuze::/embuze::**”, aliado ao gesto metafórico descrito na fase 2. Exemplos como esse são frequentes nos dados dessa díade, como mostram os gráficos abaixo com a frequência de gesticulação, dividida em dois blocos etários entre 6 e 10 meses e entre 13 e 18 meses<sup>9</sup>:

---

<sup>9</sup> Quantificação elaborada por Silva (2014).

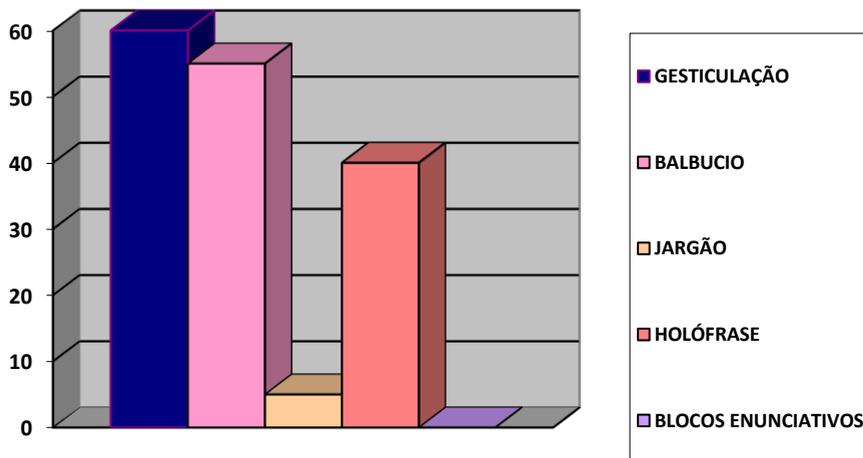


Gráfico 1: Gesticulação + produção vocal da Criança C.  
Período: 6 aos 12 meses

No primeiro bloco de dados apresentado no gráfico acima, correspondente à faixa etária entre 6 e 12 meses, houve 60% de produções gestuais caracterizadas como gesticulação. Na produção da gesticulação aliada à produção vocal, houve a presença de balbucio + holófrase em 40%; balbucio + jargão em 5%, e 15% de balbucio.

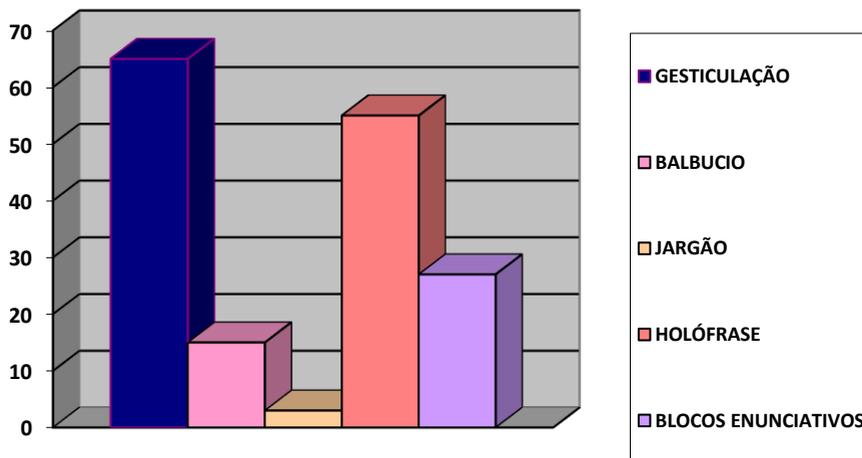


Gráfico 2: Gesticulação + produção vocal da Criança C.  
Período: 13 aos 18 meses

No segundo bloco de dados apresentado no Gráfico 2, entre 13 e 18 meses, com uma frequência gestual de 65% de gesticulação dentre os gestos produzidos, houve a presença de balbúcio + holófrase em 15%; blocos de enunciados + holófrase 27%, holófrase 28%, jargão, 3%.

Como se observa nos dois gráficos apresentados, as produções vocais vêm predominantemente associadas, isto é, a presença de uma não substitui a outra, elas se associam para compor o enunciado linguístico, preenchendo o arcabouço

gestuo-vocal. É importante salientar que com o tempo, a quantidade e o tipo de associação entre os elementos vocais vai se diferenciando rumo à língua alvo, mas seu funcionamento não é linear, como pode ser visto acima nos gráficos.

O Gráfico 01, por exemplo, mostra alta frequência de balbucio aliado à holófrase (40%), seguido da associação com o jargão (5%), como também de sua produção sem outro elemento vocal (15%), sem a presença de blocos de enunciados.

No Gráfico 02, a configuração muda um pouco em relação às frequências, pois emergem os blocos de enunciados associados às holófrases (27%); balbucio associado às holófrases (15%), holófrases (18%) e jargões (3%). Não houve a associação entre jargões e balbucios.

É interessante destacar a entrada dos blocos de enunciados articulados às produções holofrásticas, como também a presença de holófrases sem associação com outro elemento vocal, o que não ocorria no bloco anterior.

Tomando o Gráfico 02 como referência, mesmo com o aumento das holófrases e dos blocos de enunciados, ainda estão presentes os balbucios e jargões, até porque esses são necessários para o preenchimento prosódico do enunciado, já

que se trata de um processo de aquisição da linguagem. E todos eles sustentados pela gesticulação, em que gestos icônicos, dêiticos, metafóricos e ritmados comparecem para dar sustentação à matriz linguística.

### **Algumas considerações**

Nesse artigo, apresentamos um panorama dos estudos acerca da multimodalidade na linguística e de como a matriz gesto-fala foi se consolidando graças aos sistemáticos trabalhos de Kendon e McNeill e seguidores. Discorreremos acerca do paradigma teórico em que tais estudos encontram articulação, tais como a linguística cognitiva (CIENKI; MULLER; SWETER) e os trabalhos de Tomasello (2003; 2006), que defende a língua se configurando numa matriz que é cognitiva e social.

Também nos distanciamos de uma concepção de primitivismos gestual e de uma proposta de continuidade estrutural entre o gesto e a fala e postulamos a entrada da criança na língua a partir de um arcabouço não só prosódico (SCARPA, 1999, 2007), mas prosódico-gestual (CAVALCANTE, 2015; CAVALCANTE et al, 2016).

Finalizamos com exemplos ilustrativos e dados quantitativos de uma díade mãe-bebê, ao longo de 18 meses de vida. Com isso, esperamos oportunizar um novo olhar para conceber essa trajetória única que é a aquisição da linguagem.

### Referências

ÁVILA-NÓBREGA, P. V. Dialogia mãe-bebê: a emergência do envelope multimodal em cenas de atenção conjunta. 165p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ÁVILA-NOBREGA, P. V. A. ; CAVALCANTE, M. C. B. Aquisição de linguagem em contextos de atenção conjunta: o envelope multimodal em foco. *Revista Signótica*, v. 24(2), p. 469-491, 2012.

ÁVILA-NOBREGA, P. V. A. ; CAVALCANTE, M. C. B. O envelope multimodal em aquisição da linguagem: momentos do surgimento e pontos de mudança. In: CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B. de (orgs.) *Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade*, João Pessoa, Ed. Da UFPB, 11-44, 2015. BARROS, A. T. M. de C. Fala inicial e prosódia: do balbucio aos blocos de enunciados. 2012. 180 páginas. Dissertação de Mestrado em Linguística – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

BATES, E.; CAMAIONI, L.& VOLTERRA, V. The Acquisition of Performatives Prior to Speech, In: E. OCHS & B. B. SCHIEFFELIN, (org.) *Developmental Pragmatics*, London, Academic Press, 1979.

BATES, E., O'CONNELL, B., & SHORE, C. Language and communication in infancy. In J. OSOFSKY (Ed.), *Handbook of infant development*. New York: Wiley, 149-203, 1987.

BIRDWHISTELL, R. L. *Kinesics and Context*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.

BRUNER, J. The ontogenesis of speech acts. In: *Journal of child language*. Vol.2 Nº 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

BRUNER, J. *Childs Talk*. Oxford University Press, 1983.

BUTCHER, C.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture and the transition from one-to-two-word speech: when hand and mouth come together. In: D. MCNEILL, (ed.) *Language and gesture*. Spain: Cambridge University Press, 2000.

BUTTERWORTH, B.; HADAR, U. Gesture, speech, and computational stages: A reply to McNeill. *Psychological Review*96(1): 168–174, 1989.

CAVALCANTE, M. C. B. O gesto de apontar como processo de co-construção nas interações mãe-criança. Dissertação de Mestrado. UFPE, 1994.

CAVALCANTE. M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Investigações* (Recife), v. 21, p. 153-170, 2009.

CAVALCANTE. M. C. B. A natureza do apontar em Aquisição da Linguagem. In: CAVALCANTE. M. C. B. (orgs.) *Aquisição da linguagem em multimodalidade*. 1ed. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2010.

CAVALCANTE. M. C. B. *Da voz à língua: o manhês na dialogia mãe-bebê*. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. v. 1. 237p.

CAVALCANTE, M. C. B.; SILVA, P. M. S.; ÁVILA NOBREGA, P. V. A. Gestualidade como uma pista importante da fluência infantil. *Prolíngua* (João Pessoa), v. 10.1, p. 43-50, 2015.

CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B. de (orgs.) *Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade*, João Pessoa, Ed. Da UFPB, 2015.

CAVALCANTE, M. C. B.; ALMEIDA, A. T. M. de C. B. de; SILVA, P. M.S. da; ÁVILA NÓBREGA, P. V. Sincronia gesto-fala na emergência da fluência infantil. *Estudos Linguísticos* São Paulo, v. 45, p. 411-426, 2016.

CIENKI, A. Metaphoric gestures and some of their relations to verbal metaphorical expressions. In: Jean-Pierre Koñig (ed.), *Discourse and Cognition: Bridging the Gap*, 189–204, Stanford, CA: Center for the Study of Language and Information, 1998a.

CIENKI, A. Straight: Animageschema and its metaphorical extensions. *Cognitive Linguistics* 9(2): 107–149, 1998b.

CIENKI, A. Gesture and (cognitive) linguistic theory. In: Rosario Caballero (ed.), *Proceedings of the XXVII AESLA International Conference 'Ways and Modes of Human Communication'*, 45–56. Ciudad Real, Spain: Universidad de Castilla-La Mancha, 2010.

CIENKI, A. Usage events of spoken language and the symbolic units (may) abstract from them. In: Krzysztofosecki and Janusz Badio (eds.), *Cognitive Processes in Language*, 149–158. Frankfurt: Peter Lang, 2012.

EFRON, D. *Gesture, Race and Culture*. Paris: Mouton. First published [1941], 1972.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. V. The repertoire of nonverbal behavior: Categories, origins, usage and coding. *Semiotica* 1(1): 49–98, 1969.

ENFIELD, N. J. *The Anatomy of Meaning: Speech, Gesture, and Composite Utterances*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

FEYEREISEN, P. Gestures and speech, interactions and separations: A reply to McNeill. *Psychological Review*94(4): 493–498, 1987.

FONTE, R. F. L. da; CAVALCANTE, M. C. B. Abordagem multimodal da linguagem: contribuições à clínica fonoaudiológica. In: Ana Cristina de Albuquerque Montenegro; Isabela Barbosa do Rêgo Barros; Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo. (Org.). *Fonoaudiologia e Linguística: teoria e prática*. 224ed. Curitiba: Appris, 2016, v. 1, p. 205-205.

GOLDIN-MEADOW, S. Using the hands to study how children learn language. In J. Colombo, P. McCardle & L. Freund (Eds.), *Infant pathways to language: Methods, models, and research directions* (pp.195-210). NY: Taylor & Francis, 2009.

GOLDIN-MEADOW, S. & MORFORD, M. Gesture in early child language: Studies of deaf and hearing children. *Merrill-Palmer Quarterly*, 1985, 31 (2), 145-176.

GOLDIN-MEADOW, S., ALIBALI, M., CHURCH R. B. Transitions in concept acquisition: Using the hands to read the mind. *Psychological Review* 100 (2): 279-297, 1993.

GOODWIN, C. Gesture as a resource for the organization of mutual orientation. *Semiotica*62(1/2): 29–49, 1986.

HEATH, C. C. Talk and reciprocity: sequential organization in speech and body movement, in *Structures of Social Action*, J. M. Atkinson and J. Heritage (eds.), pp. 129-151, Cambridge University Press, 1984.

HEATH, C. C. *Body movement and speech in medical interaction*, Cambridge University Press, 1986.

KENDON, A. Gesticulation and speech: Two aspects of the process of utterance. In: Mary R. Key (ed.), *Nonverbal*

*Communication and Language*, 207–227. The Hague: Mouton, 1980.

KENDON, A. The Study of Gesture: some remarks on its history. *Recherches sémiotiques/ semiotic inquiry* 2: 45-62, 1982.

KENDON, A. How gestures can become like words. *Crosscultural Perspectives in Nonverbal Communication*, (January), 131–141, 1988.

KENDON, A. *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KENDON, A. Language's matrix. *Gesture* 9: 355–372, 2008.

MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review* 92(3): 350–371, 1985.

MCNEILL, D. So you do think gestures are nonverbal. Reply to Feyereisen (1987). *Psychological Review* 94(4): 499–504.

MCNEILL, D. A straight path – to where? Reply to Butterworth and Hadar. *Psychological Review* 96(1): 175–179, 1989.

MCNEILL, D. *Hand and Mind*. What Gestures Reveal about Thought. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, D. Speech and gesture integration. In J. Iverson e S. Goldin-Meadow (Eds.). *The nature and functions of gesture in children's communication* (pp. 11-28). S.F.: Josey-Bass Publishers, 1998.

MCNEILL, D. (ed.) *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MCNEILL, D. *Gesture and Thought*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MCNEILL, D.; DUNCAN, S. D. Growth points in thinking-for-speaking. In: David

MCNEILL, D. (Ed.), *Language and Gesture*, 141–161. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MITTELBERG, I. Metaphor and metonymy in language and

gesture: Discursive evidence for multimodal models of grammar. Ph.D. dissertation, Cornell University, 2006.

MITTELBERG, I. Geometric and image-schematic patterns in gesture space. In: Vyvyan Evans and Paul Chilton (eds.), *Language, Cognition, and Space: The State of the Art and New Directions*, 351–385. London: Equinox, 2010.

MONDADA, L. Videorecording as the reflexive preservation of fundamental features for analysis. In: Knoblauch H, Raab J, Soeffner H-G, Schnettler B (eds) *Video Analysis*. Bern: Peter Lang, pp. 51–68, 2006.

MONDADA, L. Multimodal resources for turn-taking: pointing and the emergence of possible next speakers. *Discourse Studies* 9(2): 194–225, 2007.

MULLER, C.; POSNER, R. (eds.), *Semantics and Pragmatics of Everyday Gestures*, 234–256. Berlin: Weidler, 2004.

MULLER, C.; LADEWIG, S. H.; BRESSEM, J. Gestures and speech from a linguistic perspective: A new field and its history. In: Cornelia Muller, Alan Cienki, Ellen Fricke, Silva H. Ladewig, David McNeill and Sedinha Teßendorf (eds.), *Body – Language – Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. (Handbooks of Linguistics and Communication Science 38.1.) Berlin: De Gruyter Mouton, 2013.

MULLER, C.; TAG, S. The embodied dynamics of metaphoricality: Activating metaphoricality in conversational interaction. *Cognitive Semiotics* 6: 85–120, 2010.

NUNEZ, R. E.; SWEETSER, E. With the future behind them: Convergent evidence from

Aymara language and gesture in the crosslinguistic comparison of spatial construals of time. *Cognitive Science* 30(3): 401–450, 2006.

PSATHAS, G. *Conversation analysis: The study of talk-in-interaction*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

RODRIGUES, I. G. Verbal and non-verbal modalities in face-to-face interaction: how they function as conversational signals. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 2, 211–227, 2008.

STREECK, J. *Gesturecraft: Manufacturing Understanding*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

SCHEGLOFF, E. A. *On Some Gestures' Relation to Talk*. In J. M. Atkinson and J. Heritage (eds.), *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis* (pp. 266–296). Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SWEETSER, E. Regular metaphoricity in gesture: bodily-based models of speech interaction. *Actes du 16e Congres International des Linguistes* (CD-ROM), 1998.

WERNER, H.; KAPLAN, B. *Symbol formation: an organismic-developmental approach to language and the expression of thought*, Wiley. 1963.